



O TRABALHO COMO EXERCÍCIO CRIATIVO E ALEGRE DA VOCAÇÃO DE DEUS – FUNDAMENTOS E IMPLICAÇÕES: UMA APROXIMAÇÃO REFORMADA (2)

Hermisten Maia Pereira da Costa

Doutor e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). *E-mail:* hermisten@terra.com.br

RESUMO

Neste segundo e último artigo da série, com base em uma perspectiva Reformada, analisa-se a relação entre trabalho e cultura. Enfatiza-se que a Igreja, inspirada no exemplo trinitário, é chamada a atuar na sociedade em que está inserida, com o propósito de glorificar a Deus por meio dos talentos concedidos por Ele e expressar, em seu trabalho, uma cosmovisão que retrate o pecado e a possibilidade de restauração concreta em Cristo Jesus. Nessa mesma perspectiva, esboçam-se princípios para definir arte cristã, tendo como critério a cosmovisão, a qualidade e o propósito dessa arte.

PALAVRAS-CHAVE

Trabalho. Cultura. Ética. Vocação. Arte.

“Se a cosmovisão cristã pudesse ser restabelecida no lugar de destaque e respeito na universidade, isso teria um efeito de fermentação no meio da sociedade. Se mudarmos a universidade, mudaremos nossa cultura por intermédio dos que a moldam” (MORELAND; CRAIG, 2005, p. 16).

“Ora, se conseguirmos fazer com que os homens fiquem a formular perguntas assim: ‘isto está em consonância com as tendências gerais dos movimentos contemporâneos? É progressista, ou revolucionário? Obedece à marcha da História?’ então os

levamos a negligenciar as questões efetivamente relevantes. E o caso é que as perguntas que assim insistirem em formular são irrespondíveis; visto que não conhecem nada do futuro e o que o futuro haverá de ser dependerá muitíssimo, exatamente, daquelas preferências a propósito das quais buscam socorro do futuro. Como consequência, enquanto suas mentes ficam assim a zumbir nesse verdadeiro vácuo, temos nossa melhor oportunidade de até imiscuir-nos para forçá-los à ação correspondente aos nossos propósitos. A obra já realizada neste sentido é enorme” (LEWIS, 1964, p. 160-161).

1. TRABALHO COMO VOCAÇÃO: CULTURA, ÉTICA E ARTE: ANOTAÇÕES PROVISÓRIAS

1.1 TRABALHO E CULTURA

A nossa palavra “cultura” é derivada do latim *colere*, que tem o sentido de “arte de cultivar”, “praticar”, “cuidar, “honrar” ou mesmo, “o resultado da cultura”, envolvendo, portanto, a ideia de labor e perseverança. Nesse sentido, a palavra é usada tanto para referir-se a um certo refinamento intelectual e estético como ao cultivo de alguma planta, abelhas etc. Esse vocábulo é da mesma raiz da palavra “culto” que, por sua vez, pode indicar um homem de “cultura” (referindo-se a algum refinamento) ou a reunião dos fiéis para cultivar a Deus, prestar-lhe um “culto”. O fato é que toda cultura reflete um determinado culto; o cultivo de determinados valores que se expressam no pensar e no fazer, sabendo que o “pensar é para o espírito o que agir é para o corpo” (DEGÉRANDO, 1973, p. 338). A cultura é a linguagem exteriorizada do ser, acumulada, aperfeiçoada e transformada ao longo dos séculos.

A cultura nos fornece de modo quase absoluto determinadas perspectivas que se configuram como objetivas e, portanto, finais. Cito a figura e os comentários de Mohler Jr. (2010, p. 66):

A última criatura a quem você deveria perguntar como é se sentir molhado é a um peixe, porque ele não faz ideia de que *esteja* molhado. Uma vez que nunca esteve seco, ele não tem um ponto de referência. Assim somos nós, quando se trata de cultura. Somos como peixes no sentido de que não temos sequer a capacidade de reconhecer onde a nossa cultura nos influencia. Desde a época em que estávamos no berço, a cultura tem formado nossas esperanças, perspectivas, sistemas de significado e interpretação, e até mesmo nossos instrumentos intelectuais.

Historicamente, no entanto, a palavra cultura apresentou dois significados fundamentais: 1. progresso do ser humano, seu melhoramento e refinamento (seria a “paideia” grega); 2. efeitos de um modo de vida culto – a civilização propriamente dita.

A cultura é um dom de Deus, contudo o homem como ser cultural é ao mesmo tempo herdeiro e agente ativo do cultivo, do aperfeiçoamento e da transformação de sua cultura. Portanto, cada povo tem a responsabilidade pela sua cultura, sabendo, contudo, que não existe povo sem cultura.

A cultura, em seu sentido mais amplo, é uma característica peculiar da humanidade; em qualquer tempo e lugar em que existem agrupamentos humanos, há um grau, ainda que mínimo e rudimentar, de cultura [...]. Toda a sociedade tem o mérito e a responsabilidade de seu desenvolvimento, de seu avanço ou de seu estancamento, de seus progressos ou regressos (MONDOLFO, 1966, p. 57).

Portanto, podemos considerar a cultura como “a totalidade das manifestações e formas de vida que caracterizam um povo” (JAEGER, 1989, p. 6).

1.2 CULTURA, ÉTICA E TESTEMUNHO

Segundo nos parece, a palavra “cultura” tem em si o sentido de desenvolvimento pleno. Nessa perspectiva, podemos entender que o homem culto é aquele que procura se desen-

volver em todas as áreas de sua existência, a fim de realizar o propósito de Deus para a sua vida, buscando sempre o fim último da criação, que é a glória de Deus (1Co 10.31)¹.

Cultura, assim, é todo e qualquer esforço e trabalho humano feito no cosmos, para descobrir suas riquezas e fazê-las assistirem ao homem para o enriquecimento da existência humana, para a glória de Deus (VAN TIL, 2010, p. 32).

Na perspectiva Reformada, há um interesse especial pela cultura, não pelo seu valor em si:

Temos interesse na cultura porque é onde encontramos os pecadores; o nosso interesse não é fundamentalmente a cultura em si. Tudo o que vemos ao nosso redor é passageiro, inclusive a cultura (MOHLER JR., 2010, p. 65).

Desse modo, compreende-se que Deus nos colocou nessa cultura a fim de sermos sal da terra e luz do mundo. A influência preservadora do sal é percebida não no saleiro, e o poder iluminador da luz se destaca de forma mais intensa nas trevas e num lugar adequado, não debaixo da mesa. É necessário que tomemos cuidado para não transformarmos a Igreja em uma “tribo religiosa” separatista que congrega unicamente a nossa comunidade presunçosamente elitista, em que a luz serve apenas para projetar a nossa imagem nos espelhos e o sal para condimentar a nossa crítica ao mundo.

Há dois perigos iminentes: identificar-nos com o mundo, pouco ou nada diferindo dele. Nesse caso, como povo missionário de Deus, para nada serviríamos. Ou nos alhear-mos do mundo, cultivando a nossa “santidade” exclusivamente intramuros. Em ambos os casos, perderíamos a dimensão de povo de Deus no mundo. Tchividjian (2010, p. 890) resume: “Devemos ser moral e espiritualmente distintos sem estarmos culturalmente segregados”.

A oração de Jesus Cristo permanece como realidade para todos os Seus discípulos: “É por eles que eu rogo [...]” (Jo 17.9) e “Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal” (Jo 17.15, 20).

¹ “Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (1Co 10.31).

De acordo com essa perspectiva, o cristão deve participar ativamente, dentro de sua esfera de ação, na formação, no aperfeiçoamento e na transformação da cultura, sabendo, de antemão, que, neste estado de existência, não existe cultura perfeita. Deve saber ainda que essa tarefa gerará inevitavelmente conflitos, contudo estes fazem parte de todas as ações do homem. Podemos lidar com esses conflitos de forma criativa, de acordo com o nosso processo de amadurecimento e conforme as ações que adotamos no meio em que vivemos. Na fé cristã, sempre existirá o desafio da inculturação por meio da expressão da fé na relatividade da cultura e em fidelidade ao Verbo Encarnado. A cultura é a expressão, a forma de ser de uma dada sociedade.

Como o Evangelho não é produzido nem é domínio de nenhuma cultura, cremos que a Palavra de Deus apresenta mandamentos que são supraculturais; eles devem ser observados em qualquer época ou cultura, constituindo-se em imperativos categóricos para todo o cristão em toda e qualquer circunstância. Como princípio orientador que deve permear todas as nossas ações, temos o amor: “O amor é o único candidato para exercer a função de absoluto moral que não é contra-producente, ou seja, que não se anula a si mesmo em sua ação” (GEISLER, 1977, p. 120). O homem é livre para servir a Deus e ao seu próximo, realizando-se na execução desse propósito. Nesse sentido, podem-se compreender as palavras de Agostinho (1989, p. 208): “Conserva, pois, a caridade e fica tranquilo [...]. Ama, e assim não poderás fazer senão o bem”. A ética do amor reclama o nosso compromisso intelectual e vivencial.

Sabemos quão difícil é amar o nosso próximo, e, ao mesmo tempo, ainda que o nosso próximo não nos acompanhe nesse raciocínio, é tão fácil amar a nós mesmos. O teólogo holandês Herman Bavinck (2001, p. 23) coloca a questão nestes termos:

O amor ao próximo frequentemente encontra pouco suporte no próximo. As pessoas geralmente não são tão amáveis a ponto de nós podermos, naturalmente, sem esforço e luta, apreciá-las e amá-las como amamos a nós mesmos.

O amor exigido por Cristo encontra o Seu modelo no amor do Pai por Ele e por meio Dele, por todo o Seu povo. Como escrevemos em outro lugar: a santidade absoluta de Deus

se revela na cruz, onde o seu amor e a sua justiça se evidenciam de forma eloquente e perfeita. A cruz enfatiza o Deus santo e majestoso, zeloso por sua glória. A cruz não fez Deus nos amar, antes o Seu amor por nós a produziu e se revelou ali.

Portanto, não nos iludamos. O amor pressupõe absolutos que envolvem misericórdia, bondade e justiça. Amar é comprometer-se com absolutos. Em nome de um sentimento genérico chamado de *amor*, não posso, simplesmente, me tornar cativo de toda sorte de paixões, interesses e flertes culturais.

A ética cristã é um desafio constante à sua aplicação às novas situações em que o homem se encontra. É uma tentativa humana de entender e aplicar os princípios divinos à cotidianidade humana. Não existe ética sem absolutos. A ética cristã exigirá sempre de nós discernimento, amor, humildade e submissão a Deus.

Schaeffer (2003, p. 24) é contundente:

Nunca se pode ter moral verdadeira sem absolutos. Nós podemos chamá-la de moral, mas sempre termina com “eu gosto”, ou contrato social, nenhum dos quais é a moral. [...] E não tendo nenhum absoluto, o homem moderno não tem categorias. Não se podem ter respostas verdadeiras sem categorias, e estes homens não podem ter outras categorias, além das pragmáticas e tecnológicas.

Ética cristã, portanto, é um desafio à conformação de nossa prática àquilo que cremos:

A ética cristã é baseada no amor, e amor implica relacionamentos. Embora seja mais fácil amar se nunca tenhamos que lidar de fato com uma pessoa, o amor bíblico é aquele tipo complicado que significa se envolver com pessoas reais (VEITH JR., 2006, p. 95).

“A dimensão ética começa quando entra em cena o outro” (ECO, 1999, p. 83). A ética cristã parte de princípios eternos que têm a ver com a nossa relação com Deus, conosco e com o nosso próximo. Jesus Cristo é o nosso modelo; Ele é o cânon da cultura e de toda ética. A única cultura que permanecerá é aquela fundamentada Nele, tendo a Sua ética como norma de pensar e agir.

A observação de Veith Jr. (2006, p. 24) é pertinente:

A centralidade da Bíblia para os cristãos significa que eles nunca devem menosprezar a cultura. Por meio de preceitos, de exemplos, da sua história e por sua própria natureza, a Bíblia nos abre o mundo inteiro da verdade. Porém, a busca desta verdade num mundo pecador e descrente não deixa de ter seus problemas. As possibilidades e os perigos desse empreendimento talvez possam ser mais bem ilustrados se estudarmos em detalhes um exemplo histórico específico da Bíblia: a educação de Daniel.

Contudo, uma tentação para todos nós é sacrificar princípios que consideramos absolutos. Em geral, relativizamos esses princípios a fim de sermos aceitos pelos nossos pares ou para nos considerarmos atualizados. Os viúvos intelectuais de hoje foram, em geral, casados com a moda de ontem. É extremamente fácil e perigoso nos deixarmos seduzir pelos nossos próprios pensamentos a respeito do pensamento vigente e aparentemente definitivo. O nosso amanhã poderá refletir tragicamente o nosso consórcio intelectual e moral de hoje. O nosso desafio é sermos cristãos em todos os desafios que se apresentam em nossa cultura. Portanto, não estamos propondo uma alienação da cultura, nem, simplesmente, uma identificação cultural irresponsável, imaginando que a força da Igreja esteja em sua semelhança e não na sua diferença genética e, portanto, naturalmente sobrenatural. Fomos gerados de novo para uma nova vida caracterizada por uma nova esperança, fundamentada na historicidade da ressurreição de Cristo, que nos perpassa e confere sentido à nossa existência hoje (1Pe 1.3,13,21; 3.15; 1Tm 4.10).

Karl Barth (2004, p. 207-208) escreveu com propriedade:

Não se pode despedir-se da vida e da sociedade. Elas nos cercam por todos os lados; elas nos impõem questões; elas nos confrontam com decisões. Nós devemos sustentar nossa base. O fato de que hoje nossos olhos estão mais amplamente abertos às realidades da própria vida se dá porque desejamos algo mais. Nós gostaríamos de estar fora desta sociedade, e em outra. Mas isto é apenas um desejo; nós ainda estamos dolorosamente cômnicos de que, a despeito de tudo, as mudanças sociais e as revoluções, tudo é como era antigamente. Se fora desta situação nós perguntamos: “Vigia, o que há na noite?”, a única resposta que carrega alguma promessa é “O cristão”.

Insisto: o equilíbrio aqui é necessário. Estamos no mundo, mas não somos deste mundo. Valendo-me de uma expressão de Tchividjian (2010, p. 93), diria que somos “alienígenas residentes”. É natural que haja uma tensão em nós. Somos imperfeitos, limitados, temos nossos anseios que, por vezes, tendem a ser maximizados em meio a aspectos da nossa cultura tão convidativos e, em certo sentido, confortáveis. É necessário discernimento para que não caiamos no cativo intelectual e vivencial de valores estranhos à nossa fé, o que inviabilizaria totalmente a possibilidade de influência em nosso meio. Desse modo, entende-se que não podemos permitir que a nossa mente e o nosso comportamento sejam regidos pela forma mundana e pagã de pensar e agir. Ingressaríamos assim num ateísmo prático ou funcional.

O nosso problema, por vezes, é que, enquanto os padrões de Deus se parecem abstratos e distantes, estamos perfeitamente aculturados aos padrões de nossa cultura que nos assestam continuamente e, portanto, se tornam tão familiares como o personagem de uma novela que se torna símbolo de algum tipo de comportamento: “Para muitos de nós, os padrões deste mundo decaído se tornaram por demais familiares, ao mesmo tempo em que os caminhos de Deus parecem distantes e estranhos” (TCHIVIDJIAN, 2010, p. 39).

Veith Jr. (2006, p. 88) usa um exemplo pertinente:

O desejo de ser intelectualmente respeitável pode produzir híbridos de secularismo e Cristianismo, como visto na teologia liberal, ou levar à total incredulidade. O desejo de ser socialmente respeitável pode corroer a severidade da moralidade bíblica para uma tolerância livre e fácil que pode chegar a justificar, tanto em outros como em si mesmo, a imoralidade mais chocante. O desejo de ser popular pode se tornar um pretexto para atenuar ou abandonar verdades bíblicas em favor de crenças que estejam mais em voga.

Deus opera ordinariamente em nossa vida por meio da Palavra. E é essa operação do Espírito em nossos corações que nos transforma, concedendo-nos uma visão diferente da realidade e também um modo de agir condizente com a nossa nova natureza. Nesse sentido é que Jesus Cristo disse que o mundo odiou os Seus discípulos e acrescentou: “Eles não são do mundo” (Jo 17.14). “A primeira coisa que verdadeiramente

caracteriza o cristão é que ele não é deste mundo, e não lhe pertence” (LLOYD-JONES, 2005, p. 25).

O ódio da parte do mundo, como resultado de nossa lealdade a Deus, é evidência do discipulado:

Se o mundo vos odeia, sabeí que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim. Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia (Jo 15.18-19).

O ódio ao Filho se estende ao Pai: “Quem me odeia odeia também a meu Pai” (Jo 15.23). Jesus diz que Seus discípulos, como escolhidos de Deus, foram eficazmente chamados do mundo. O que caracteriza a diferença é o chamamento de Cristo. Cristo nos chama e nos transforma pela Sua Palavra. A Palavra de Deus é transformadora. Ela opera de tal forma que nem mais conseguimos entender como podíamos viver do modo antigo e, ao mesmo tempo, como antes não enxergávamos a realidade, importância e beleza da vida cristã.

O que fazia com que o mundo odiasse os discípulos de Cristo era o fato de eles terem agora, após um confronto com a Palavra de Deus, uma vida diferente. Eles assumiram valores que expressavam a ética do Reino. O Reino não é a Igreja, contudo “o Reino se revela na Igreja” (RIDDERBOS, 1988, p. 66). A Igreja é desafiada a ser uma amostra concreta, histórica e visível do que Deus tem proposto à humanidade.

O Reino tem valores, praxes e agendas diferentes do mundo, daí o inevitável conflito. No entanto, o conflito primeiro do mundo é com Cristo; o Deus encarnado que foi rejeitado (Jo 1.11), mas, pela graça de Deus, recebido por nós (Jo 1.12). Ele mesmo disse a respeito de Seus discípulos: “Eles não são do mundo, como também eu não sou” (Jo 17.14).

Devemos, portanto, aprender de Cristo. Paulo, olhando para Cristo, para as suas necessidades e as necessidades dos irmãos da jovem e confusa igreja de Corinto, instrui-os: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1Co 11.1). Aos colossenses mostra um nobre ideal condizente com a sua nova natureza: “Buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra” (Cl 3.1-2).

Em *A República*, Platão (1993, 517c-d), ao referir-se àqueles que adquiriram o conhecimento verdadeiro, demonstra como

os demais saberes tornaram-se secundários: “Os que ascenderam àquele ponto não querem tratar dos assuntos dos homens, antes se esforçam sempre por manter a sua alma nas alturas”.

Percebem então o conflito? O ódio do mundo é devido ao contraste existente entre os filhos de Deus e os filhos do mundo. O mundo aborrece os discípulos de Cristo pelo fato de estes terem uma forma diferente de avaliação da vida; eles olham a realidade partindo de uma perspectiva diferente. Bohnhoffer (1984, p. 169) resume:

A Igreja de Cristo, a Igreja dos discípulos, foi arrebatada ao domínio do mundo. Vive no mundo, é verdade. Mas foi feita um corpo, é um domínio independente, um espaço para si. É a Santa Igreja (Ef 5.27), a Comunhão dos Santos (1Co 14.33).

Como temos insistido, a Igreja é chamada a ser instrumento de *transformação*, não de *acomodação*. Essa transformação será operada dentro de nós e, a partir daí, de forma natural em nossa visão do mundo e, conseqüentemente, em nossa atuação. O modo acomodatório é o mais natural; no entanto, o desafio de Deus para nós é para transformar o mundo tendo como padrão avaliativo e de comportamento a mente de Cristo. Paulo, após falar da majestade de Deus, de Sua sabedoria e glória, desafia a Igreja a não entrar nos moldes deste mundo, antes, transformá-lo: “E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.2).

A missão da Igreja no mundo inspira-se na missão conferida pelo Pai ao Filho. A oração de Cristo em favor da Igreja é para que esta, no cumprimento de sua tarefa, seja um instrumento divino para que o mundo creia:

¹⁸ Assim como tu me *enviaste* (ἀποστέλλω)² ao mundo, também eu os *enviei* (ἀποστέλλω) ao mundo. ¹⁹ E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade. ²⁰ Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua

² Primariamente, no grego secular, a palavra tinha o sentido de enviar um navio de carga ou uma frota. Somente mais tarde é que a palavra passou a indicar uma pessoa enviada, um emissário.

palavra;²¹ a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia (πιστεύω) que tu me enviaste (ἀποστέλλω) (Jo 17.18-21).

Após a ressurreição, Jesus Cristo estabelece a conexão entre a Sua vinda e a missão de Seus discípulos que lhes seria outorgada: “Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou (ἀποστέλλω), eu também vos envio” (Jo 20.21).

Concluo este tópico com as palavras ditas por intermédio do rei Salomão no livro de Provérbios:

Filho meu, guarda as minhas palavras e conserva dentro de ti os meus mandamentos. ² Guarda os meus mandamentos e vive; e a minha lei, como a menina dos teus olhos. ³ Ata-os aos dedos, escreve-os na tábua do teu coração (Pv 7.1-3).

1.3 VOCAÇÃO, TRABALHO E ARTE

Quando historiadores da arte tratam da arte produzida pelos judeus, é comum a identificação da proibição divina quanto à idolatria (Ex 20.4-6) com uma suposta proibição divina à arte³. É possível que a falta de uma maior clareza de interpretação bíblica tenha contribuído para o não desenvolvimento de determinada manifestação artística entre os judeus. Em uma perspectiva mais ampla, devemos entender que a arte na Escritura é proibida apenas como instrumento de idolatria, não como meio de glorificar a Deus por meio do belo:

O fato de que querubins foram bordados no véu interno do Tabernáculo (Ex 26.31), de que as paredes do Templo de Salomão foram esculpidas com figuras de querubins e palmeiras (1Rs 6.29), e de que Tabernáculo e Templo tinham figuras de querubins no propiciatório, dentro do Santos dos Santos, indica que o segundo mandamento não impediu a produção de trabalhos artísticos (STIGERS, 2008, p. 513)⁴.

³ De acordo com Gombrich (1999, p. 127): “Na realidade, a Lei judaica proibiu a realização de imagens por temor à idolatria”.

⁴ Na mesma linha, escreveu Schaeffer (2010, p. 20): “A Bíblia não proíbe a confecção de arte figurativa e sim sua adoração. Só Deus deve ser adorado. Portanto, o mandamento

No Antigo Testamento, encontramos com frequência a ação do Espírito associada à vida intelectual de diversos homens (cf. Jó 32.8, 35.10-11; Gn 2.7; Ex 31.2-6, 35.31-35; Nm 11.17, 25-29, 27.18-21; Dt 34.9). O Espírito é o autor de toda vida intelectual e artística; nele temos o sentido do belo e sublime como expressão da santa harmonia procedente do Deus Triúno, que é perfeitamente Belo em Sua Santidade e Majestade.

Ao referir-se à obra de Bezalel e Aoliabe, Ferguson (2000, p. 26) escreve:

A beleza e a simetria da obra executada por esses homens na construção do tabernáculo não só deram prazer estético, mas um padrão físico no coração do acampamento que serviu para restabelecer expressões concretas da ordem e glória do Criador e suas intenções em prol de sua criação.

A Escritura nos mostra que Deus, como autor de toda beleza, aprecia o belo. A beleza não tem existência própria e autônoma; ela provém de Deus, daí o perigo de fazermos a separação entre beleza e Deus, correndo o risco de adorar a criação em lugar do Criador (Rm 1.25). O belo, por sua vez, não tem apenas um sentido funcional, antes é prazeroso, refletindo de alguma forma a grandeza da Criação divina que, por sua vez, reflete a natureza majestosa de Deus e Seu amor que faz com que Ele Se comunique conosco de forma tão bela e harmoniosa. Portanto, a nossa criatividade deve ser atribuída a Deus, sua fonte inesgotável e perfeita. O Deus que nos criou à Sua imagem é o Artista original. O nosso senso estético procede também de Deus, como por uma *imagem*.

Nós, como imagem, tentamos imitá-Lo de forma subjetiva, visto que somente Deus possui de forma absoluta a objetividade do belo em Suas perfeições.

É claro que essa criatividade imaginativa também foi afetada e manchada pelo pecado, e o produto de nosso trabalho também refletirá essencialmente isso. Portanto, indicando o senhorio de Cristo sobre todas as coisas, devemos submeter

não é contra a arte, mas contra a adoração a qualquer coisa além de Deus e, especificamente, contra a adoração à arte. Adorar a arte é um erro; produzi-la, não”. Mais adiante, afirma o autor: “Não é a existência da arte figurativa que é errada, mas o seu uso incorreto” (SCHAEFFER, 2010, p. 30).

a nossa habilidade de criar e recriar à realidade de nosso Senhor. Desse modo, o nosso trabalho deve ser sempre uma expressão de culto a Deus por meio dos talentos que Ele mesmo nos confiou.

Eu não preciso necessariamente de um motivo a mais para criar. A minha criação poderá ser bela em sua temática e composição. Não preciso de justificativa ulterior. O algo mais pode ser altamente estimulante e necessário, contudo estará sempre numa escala secundária. Posso compor uma música simplesmente para expressar a minha fé em meio às angústias e incertezas da vida cotidiana, retratar a beleza do amor entre um homem e uma mulher (que deve refletir o amor de Deus por Sua Igreja (Ef 5.25)) ou ainda fazer um poema que descreva a dor da saudade ou a esperança de um reencontro. Nessas expressões, revelo a minha condição de criatura que ama, sofre, deseja e tem expectativas. Nenhum desses sentimentos é-nos estranho, afinal somos seres finitos, limitados, vivendo no tempo, na condição de pecadores. Ainda que nem tudo que produzamos seja uma expressão pecaminosa, é, sem dúvida, uma manifestação de nossa maravilhosamente complexa finitude, da condição humana. Daí, talvez, o desejo implícito de que nossa arte permaneça; há o “pressentimento de imortalidade”, que se manifesta no desejo e na esperança de que a nossa produção seja vista, lida, ouvida, admirada e interpretada também em nossa posteridade.

A arte, portanto, é uma expressão de percepção de mundo. Essa percepção está longe de ser neutra. Por isso, toda arte é existencial e axiológica. Aqui temos um ponto final. Contudo, se pessoas são levadas a Cristo por meio de uma música, um quadro ou uma poesia, não torna a minha arte melhor ou pior. Isso, ainda que relevante, não muda a essência do que fiz (qualidade), do princípio que me orientou (a Palavra) e do seu objetivo final que é glorificar a Deus. Há sempre o perigo de sermos pragmáticos, apesar de cheios de boas intenções. Deus pode se valer de um jumento, contudo nem por isso devo me inspirar nesse animal criado por Deus como meio de expressão de minha natureza, ainda que Deus também o empregue para demonstrar a nossa insanidade espiritual (Is 1.3; Sl 32.9; Jr 8.7). Ele toma dois animais de difícil trato: o boi e o jumento. Mostra que a obtusidade, a teimosia e a dificuldade de condução desses animais dão-se pela sua própria natureza. O

jumento e o boi agem conforme as próprias estruturas criadas por Deus. No entanto, assim mesmo, eles sabem reconhecer os seus donos, aqueles que os alimentam. O homem, por sua vez, como coroa da criação (cf. BRUNNER, 2006, p. 99), ao ceder ao pecado, perdeu totalmente o seu discernimento espiritual; já não reconhecemos nem mesmo o nosso Criador; antes lhe voltamos as costas e prosseguimos em outra direção.

Paulo diz que a nossa nova criação espiritual levada a efeito por Deus é uma obra de arte. O homem é a obra-prima de Deus, e os salvos têm o seu “homem interior” criado de novo em Cristo Jesus: “Pois somos *feitura* (ποίημα = ‘obra de arte’)⁵ dele, *criados* (κτίζω)⁶ em Cristo Jesus para as *boas* (ἀγαθός) obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Ef 2.10).

Somos filhos de Deus, criados não por qualquer um, mas pelo próprio Deus (Sl 100.3). Deus nos recria em Cristo, o Deus Encarnado, não simplesmente para uma admiração recíproca, mas para que caminhemos nas boas obras preparadas de antemão, as quais, devido às nossas limitações, nem sempre nos parecerão belas, contudo foram ordenadas por Deus. Os caminhos propostos pela Sabedoria de Deus são belos (Pv 3.17). A grande beleza estética na vida do homem está em obedecer a Deus, seguindo os Seus caminhos!

Com base no texto de Efésios, podemos dizer que o homem é o mais belo poema de Deus, criado em Cristo Jesus nosso Senhor! O nosso novo nascimento deve nos conduzir a uma maior sensibilidade para com a beleza da Criação de Deus. Contudo, a fé cristã não se expressa em mero culto à beleza, antes em adoração ao Deus criador de todas as coisas.

Deus como fonte de toda beleza exercita a arte em toda a Sua Criação. O que Schaeffer (2010, p. 25) diz a respeito dos Alpes suíços, nós, brasileiros, poderíamos falar com muito maior propriedade a respeito das belezas diversificadas de nossa

⁵ Ποίημα quer dizer “o que é feito”, “obra”, “criação”, “obra-prima”, “obra de arte”, especialmente um produto poético. O título da obra de Aristóteles (384-322 a.C.), que foi traduzido para o português como *Poética*, em grego é *Περὶ ποιητικῆς*. Aliás, com essas palavras Aristóteles inicia a sua obra.

⁶ Κτίζω indica uma nova criação de Deus efetuada em Cristo (*Mc 13.19; Rm 1.25; 1Co 11.9; Ef 2.10,15, 3.9, 4.24; Cl 1.16 (duas vezes); 3.10; 1Ts 4.3; Ap 4.11, 10.6). Nessa palavra, como bem observa Lenski (1998, p. 425), temos o equivalente ao verbo hebraico *קָרָא*, “chamar à existência do nada”.

terra: “Vá aos Alpes e observe as montanhas cobertas de neve. Não há como contestar. Deus se interessa por beleza. Ele fez as pessoas para serem belas e a beleza tem seu lugar na adoração a Deus”.

Portanto, ainda que a Bíblia não seja um livro que trate de teoria estética, oferece-nos parâmetros para avaliar o sentido de arte e o seu propósito.

Calvino (1985-1989, I.11.12) entendia que a arte e as demais coisas que servem ao uso comum e conforto desta vida são dons de Deus, portanto devemos usá-las de forma legítima a fim de que o Senhor seja glorificado. Quanto mais o homem se aprofunda nas “artes liberais” e investiga a natureza, mais se aproxima “dos segredos da divina sabedoria” (CALVINO, 1985-1989, I.5.2). Ainda que as artes não tenham poder redentivo, e, a bem da verdade, não é esse o seu propósito, elas contribuem para temperar a nossa vida com mais encanto e beleza, quer pelo que reproduz (o seu tema), quer pela forma de fazê-lo (habilidade). A beleza da arte não está apenas em sua temática, mas também na qualidade daquilo que reproduz e reinventa a partir da natureza que a alimenta.

Rookmaaker (2010, p. 16-17), em sua obra inacabada, é bastante enfático:

Hoje, se estudarmos os grandes artistas e seus feitos, não conseguiremos identificar qual era a força propulsora de sua vida, no que eles criam, o que defendiam. Essas coisas, vistas como subjetivas, são deixadas de fora. Temos a impressão de que esses grandes nomes do passado eram capazes de produzir suas obras de arte a partir de sua própria genialidade e ideias, e que a religião tinha pouco a ver com isso. Precisamos nos atentar para esse fato para não cairmos nessa perversão inerente, pois ela é fundamentalmente uma inverdade. Os estudiosos modernos, os historiadores, os historiadores da arte e os filósofos (assim como os artistas), fazem muito mais do que apenas seguir as tendências. Eles operam a partir de uma perspectiva básica da vida e da realidade. Essa perspectiva geralmente se configura como uma religião irreligiosa.

Olhada pelo ângulo correto e abrangente, a arte descreve a nossa situação de pecado e miséria, no entanto deve retratar também a nossa nova humanidade, redimida por Cristo. Aqui não há nenhum idealismo, antes um realismo bíblico:

somos chamados como sal da terra e luz do mundo a apresentar a perspectiva abrangente da realidade bíblica (cf. ROOK-MAAKER, 2002, p. 282-283). Assim, ela nos conduz a glorificar a Deus, o Senhor de toda Criação e também da Sua Recriação. O artista sem a cosmovisão cristã tenderá a cair em um destes dois aspectos verdadeiros, porém reducionistas: *pesimismo niilista* ou *otimismo romântico* sem um fundamento sólido. Somente o cristão com uma cosmovisão bíblica consistente pode, de fato, retratar ambos os aspectos da realidade: pecado e restauração, separação e reconciliação, morte e ressurreição em Cristo Jesus, o Deus encarnado. Somente em Cristo poderemos ter uma visão objetiva da beleza da realidade proveniente de Deus:

O mundo dos sons, o mundo das formas, o mundo das cores e o mundo das ideias poéticas não pode ter outra fonte senão Deus; e é nosso privilégio, como portadores de sua imagem, ter uma percepção deste mundo belo, para reproduzir artisticamente, para gozá-lo humanamente (KUYPER, 2002, p. 164).

Dentro dessa perspectiva, o artista tenta reproduzir a sua percepção da natureza, por mais crua que ela seja, ou a sua visão de como deveria ser. Ele molda a natureza⁷, e esta o educa de forma retroativa, gradativa e cativante. A natureza criada por Deus pode e deve ser valorizada a despeito do pecado e de sua mancha sobre toda a Criação; ela continua sendo uma manifestação da majestade e bondade de Deus. Na visão de Calvino, a arte deve ser vista como proveniente de Deus que nos adornou com esses dons. Por isso mesmo, ela deve ter um uso legítimo. A arte não tem um fim em si mesma, antes está a serviço do homem com o fim de conduzi-lo a Deus. Portanto, a Revelação de Deus é o elemento aferidor da natureza e do propósito da arte. Nessa perspectiva, a arte, ainda que tratando de coisas materiais, com objetivos não especificamente transcendententes, é sempre missionária, ainda que não no sentido redentivo, mas no sentido de que, mesmo objetivando trazer frescor, descontração e estímulo, refletirá sempre uma referência maior, valores transcendententes que referendam até mesmo o meu lazer e as coisas aparentemente banais de meu cotidiano.

⁷ Em Chipp (1999, p. 16-17), ver carta de Cézanne a Émile Bernard datada de 26 de maio de 1904.

Bavinck (2001, p. 21-22), de modo magistral, mostra que a arte provém de Deus e tem também um sentido confortador:

A arte também é um dom de Deus. Como o Senhor não é apenas verdade e santidade, mas também glória, e expande a beleza de Seu nome sobre todas as Suas obras, então é Ele, também, que, pelo Seu Espírito, equipa os artistas com sabedoria e entendimento e conhecimento em todo tipo de trabalhos manuais (Ex 31.3; 35.31). A arte é, portanto, em primeiro lugar, uma evidência da habilidade humana para criar. Essa habilidade é de caráter espiritual, e dá expressão aos seus profundos anseios, aos seus altos ideais, ao seu insaciável anseio pela harmonia. Além disso, a arte em todas as suas obras e formas projeta um mundo ideal diante de nós, no qual as discórdias de nossa existência na terra são substituídas por uma gratificante harmonia. Desta forma a beleza revela o que neste mundo caído tem sido obscurecido à sabedoria mas está descoberto aos olhos do artista. E por pintar diante de nós um quadro de uma outra e mais elevada realidade, a arte é um conforto para nossa vida, e levanta nossa alma da consternação, e enche nosso coração de esperança e alegria.

Contudo, continua ele, a arte, como não poderia deixar de ser, tem seus limites, e isso deve ser observado com atenção:

Mas apesar de tudo o que a arte pode realizar, é apenas na imaginação que nós podemos desfrutar da beleza que ela revela. A arte não pode fechar o abismo que existe entre o ideal e o real. Ela não pode transformar o além de sua visão no aqui de nosso mundo presente. Ela nos mostra a glória de Canaã à distância, mas não nos introduz nesse país nem nos faz cidadãos dele. A arte é muito, mas não é tudo. [...] A arte não pode perdoar pecados. Ela não pode nos limpar de nossa sujeira. E ela não é capaz de enxugar nossas lágrimas nos fracassos da vida (BAVINCK, 2001, p. 22)⁸.

As declarações de Bavinck (2001) revelam a sua cosmovisão cristã. Devemos então entender que a chamada “arte cristã” não deve ser caracterizada pelo seu tema (assuntos bíblicos, os quais obviamente têm a sua relevância própria ou temas

⁸ Do mesmo modo, ver Horton (1998, p. 84).

considerados religiosos⁹), mas, sim, pela sua qualidade e pelo seu propósito, tendo em vista o caráter cristão. Não existe escola que ensine “arte cristã”. Podemos quem sabe estudar em uma escola de arte, porém não de arte cristã, como se esta fosse um tipo de arte (cf. MARITAIN, 1945, p. 87 et seq., 212 et seq.). O artista cristão revelará naturalmente em sua arte a sua fé.

Nem toda arte que tem como tema assuntos bíblicos é *arte cristã*. Por exemplo, pelo fato de eu elaborar uma música com tema “evangélico” ou reproduzir na tela uma cena bíblica, não quer dizer que o meu produto seja necessariamente “arte cristã”. Na realidade, posso apenas ter descoberto que esta é uma boa fatia do mercado no qual devo aplicar o que julgo ser o meu talento e minha vocação. Ou reproduzir tais temas dentro de uma cosmovisão totalmente secular que me domina ainda que não tenha percebido isso. Entretanto, podemos ter um escritor cristão que resolva escrever, de forma competente, uma obra de ficção, filosofia, educação ou de administração de empresas e com amplo referencial cristão, tendo como meta glorificar a Deus e reconhecer a Sua graça em sua vida e produção. Essa obra seria uma “arte cristã”. Nesse caso particular, as obras pedagógicas de Comênio e os diversos livros de ficção de C. S. Lewis devem ser considerados como ilustrativos desse princípio.

A *arte cristã*, se é que podemos falar assim, deve ser avaliada a partir de sua *cosmovisão*, *qualidade* e *propósito*. A arte cristã só é possível a partir de um cristão. Devemos pedir a Deus que nos dê discernimento para que, neste mundo caído, possamos refletir, em nossas obras, a obra de Deus em nós. Desse modo, seria mais razoável dizer ao artista cristão que não faça “arte cristã”, mas que seja um artista aplicado, coerente com a sua fé. Em síntese: *seja um cristão artista*. Há sempre o perigo de nos apossarmos de todo um modelo secular, colocar

⁹ Nesse caso específico, podemos observar que Arão, em momento de fraqueza espiritual e de caráter, cedendo à pressão do povo, usou de suas habilidades artísticas para fazer um bezerro de ouro, fugindo totalmente ao propósito da arte exibida por Deus na Criação e na entrega dos Dez Mandamentos: “Feri, pois, o SENHOR ao povo, porque fizeram o bezerro que Arão fabricara (אֲשָׁרָה) (‘asah)” (Ex 32.35; Ex 32.1, 21, 3). O contraste perfeito está na obra de Deus: “Viu Deus tudo quanto fizera (אֲשָׁרָה) (‘asah), e eis que era muito bom. Houve tarde e manhã, o sexto dia” (Gn 1.31). “As tábuas eram obra (אֲשָׁרָה)(ma`aseh) de Deus; também a escritura era a mesma escritura de Deus, esculpida nas tábuas” (Ex 32.16).

um verniz cristão e não percebermos as incompatibilidades entre o conteúdo e a forma, esquecendo-nos de que a forma também não é neutra. Há o risco evidente de o meio superar a mensagem. É preciso ter cautela para não usarmos ferramentas nas quais estejam pressupostos conceitos não cristãos, tornando-nos inocentes úteis de uma determinada cosmovisão. Tais ferramentas tendem a moldar o seu usuário.

São significativas as observações de Colson e Pearcey (2006, p. 291):

O perigo é que a cultura popular cristã possa imitar a cultura em voga, mudando somente o conteúdo. [...] Estamos criando uma cultura genuinamente cristã, ou estamos simplesmente criando uma cultura paralela com uma aparência cristã? Estamos impondo um conteúdo cristão a uma forma já existente? A forma e o estilo sempre transmitem uma mensagem própria.

Rookmaaker (2010, p. 61), especificando a música, comenta:

Falar de música cristã não significa necessariamente falar de uma música cuja letra transmita uma mensagem bíblica explícita ou expresse a experiência de uma vida de fé e obediência piedosa. A obediência não está restrita às questões de fé e ética. E aí entra a totalidade da vida. É a mentalidade, o estilo de vida, que recebe forma e expressão artística¹⁰.

Cosmovisão cristã não significa ter o mesmo senso estético, ainda que o nosso propósito seja glorificar a Deus. Como criados à imagem de Deus, temos inteligência e sensibilidade, mas não somos uniformes.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artista cristão é como um cristal que reflete a luz da revelação de forma diversificada. A nossa unidade não significa

¹⁰ Ver Schaeffer (1986, p. 96; SCHAEFFER, 2010, p. 28, 72-75), Rookmaaker (2002, p. 284-285) e Harman (2011, p. 11).

uniformidade. Deus cria do nada, nós, do nada, nada criamos, contudo remodelamos as formas atribuindo sentido *imaginativo* e *imitativo* à Criação, fazendo o que nos é próprio na condição de *imagem*¹¹. O nosso trabalho encontra o seu modelo em Deus, Aquele que o inspira pelo Seu testemunho e ensino: “⁹Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. [...] ¹¹porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há [...]” (Ex 20.9,11) (cf. RYKEN, 1995, p. 159 et seq.).

Assim, além de percepções variadas, há gostos e talentos diferentes, ainda que com o mesmo propósito último:

Num sentido podemos nos regozijar porque, nos artistas, divergências na recepção do testemunho do Santo Espírito conduzem a formas diversas, apesar da analogia deste testemunho, e deve-se ver, na variedade dessas orientações, uma viva riqueza de realizações (MUSCULUS, 1938, p. 192).

Portanto, isso não significa que toda obra de arte, independentemente de sua técnica e beleza, seja agradável a Deus. Como temos insistido, a arte em seu conjunto reflete a cosmovisão do artista. Esta deve ser avaliada a partir de uma cosmovisão bíblica. Por sua vez,

[...] a arte cristã é a expressão da vida integral da pessoa toda que é cristã. Aquilo que o artista cristão retrata em sua arte é a totalidade da vida. A arte não deve ser apenas um veículo para um tipo de evangelismo autoconsciente (SCHAEFFER, 2010, p. 74)¹².

¹¹ As palavras *imagem*, *imaginativo* e *imitar* têm uma raiz comum.

¹² Rookmaaker (2010, p. 37-38), amigo de Schaeffer, também escreveu: “Em um sentido profundo, a arte dos cristãos deve ser cristã e mostrar o fruto do Espírito com uma mentalidade e um entusiasmo positivos devido à grandeza da vida que recebemos. [...] Somos cristãos quer durmamos, comamos ou trabalhemos; qualquer coisa que fizermos, faremos como filhos de Deus. Nosso cristianismo não serve apenas para os momentos piedosos ou atos religiosos. E o propósito da vida não é o evangelismo; é a busca do reino de Deus”. “Na arte, nós estamos novamente no âmbito da criação, não da redenção; graça comum, e não salvadora; o secular, e não o sagrado. Contudo, a criação, o comum, e o secular todos têm a bênção de Deus mesmo sem que tenham utilidade na igreja ou em missões evangelísticas” (HORTON, 1998, p. 75).

Como princípio geral para a nossa criação e avaliação, deve permanecer a instrução de Paulo aos filipenses, a qual envolve o discernimento necessário em todas as coisas, de modo a exercitar a mente de Cristo que está sendo formada em nós:

Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento (Fp 4.8) (cf. HORNER, 2005, especialmente p. 511 et seq.).

WORK AS A CREATIVE AND JOYFUL EXERCISE OF GOD'S VOCATION – FUNDAMENTALS AND IMPLICATIONS: A REFORMED APPROACH (2)

ABSTRACT

In this second and last article of the series, from a reformed perspective, the relation between work and culture is analyzed, emphasizing that the church, inspired by the Trinitarian example, is called to act in the society where it is inserted, glorifying God by means of talents given by Him, expressing through its work a worldview that portrays sin and the possibility of concrete restoration on Christ Jesus. From the same perspective, it outlines principles to define the Christian art, having as criterion its worldview, quality, and purpose.

KEYWORDS

Work. Culture. Ethics. Vocation. Art.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. *Comentário da Primeira Epístola de São João*. São Paulo: Paulinas, 1989.

BARTH, K. *A Palavra de Deus e a palavra do homem*. São Paulo: Novo Século, 2004.

- BAVINCK, H. *Teologia sistemática*. Santa Bárbara d'Oeste: Socep, 2001.
- BONHOEFFER, D. *Discipulado*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1984.
- BRUNNER, E. *Dogmática: a doutrina cristã da Criação e da Redenção*. São Paulo: Fonte Editorial, 2006. v. 2.
- CALVINO, J. *As Institutas ou Tratado da religião cristã*. Campinas; São Paulo: Luz para o Caminho; Casa Editora Presbiteriana, 1985-1989.
- CHIPP, H. B. *Teorias da arte moderna*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- COLSON, C.; PEARCEY, N. *O cristão na cultura de hoje*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006.
- DEGÉRANDO, M.-J. *Dos signos e da arte de pensar*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores, v. 27).
- ECO, U. Quando o outro entra em cena, nasce a ética. In: ECO, U.; MARTINI, C. M. *Em que crêem os que não crêem?* Rio de Janeiro: Record, 1999.
- FERGUSON, S. B. *O Espírito Santo*. São Paulo: Os Puritanos, 2000.
- GEISLER, N. L. *La etica cristiana del amor*. Miami: Editorial Caribe, 1977.
- GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. 16. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999.
- HARMAN, A. M. *Comentários do Antigo Testamento – Salmos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
- HORNER, G. Glorificando a Deus na cultura literária e artística. In: MACARTHUR, J. (Ed.). *Pense biblicamente: recuperando a visão cristã de mundo*. São Paulo: Hagnos, 2005.
- HORTON, M. *O cristianismo e a cultura*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.
- JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

KUYPER, A. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

LENSKI, R. C. H. *The interpretation of St. Paul's Epistles to the Ephesians*. Peabody, MA: Hendrickson, 1998.

LEWIS, C. S. *Cartas do inferno*. São Paulo: Vida Nova, 1964.

LLOYD-JONES, D. M. *Seguros mesmo no mundo*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2005.

MARITAIN, J. *Arte y escolastica*. Buenos Aires: La Espiga de Oro, 1945.

MOHLER JR., R. A. Pregar com a cultura em mente. In: DEVER, M. (Ed.). *A pregação da cruz*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

MONDOLFO, R. *Universidad: pasado y presente*. Buenos Aires: Eudeba, 1966.

MORELAND, J. P.; CRAIG, W. L. *Filosofia e cosmovisão cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2005.

MUSCULUS, P. R. *La Prière dès Mains: l'Église Réformée et l'art*. Paris: Editions "Je Sers", 1938.

PLATÃO. *A República*. 7. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, [1993].

RIDDERBOS, H. *La venida del Reino*. Buenos Aires: La Aurora, 1988. v. 2.

ROOKMAAKER, H. R. *Arte moderno y la muerte de una cultura*. Barcelona: Clie, Publicaciones Andamio, 2002.

ROOKMAAKER, H. R. *A arte não precisa de justificativa*. Viçosa: Ultimato, 2010.

RYKEN, L. *Redeeming the time: a Christian Approach to work and Leisure*. Grand Rapids, MI: Baker Book, 1995.

SCHAEFFER, F. A. Some perspectives on art. In: RYKEN, L. (Ed.). *The Christian imagination: essays on literature and the arts*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1986.

SCHAEFFER, F. A. *Poluição e a morte do homem*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

SCHAEFFER, F. A. *A arte e a Bíblia*. Viçosa: Ultimato, 2010.

STIGERS, H. G. Arte, artes. In: TENNEY, M. C. (Org.). *Enciclopédia da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. v. 1.

TCHIVIDJIAN, W. G. T. *Fora de moda*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

VAN TIL, H. H. *O conceito calvinista de cultura*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

VEITH JR., G. E. *De todo o teu entendimento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.